

O Discípulo amado: modelo espiritual e vocacional

VICTOR DE OLIVEIRA BARBOSA¹

Resumo: Léon Dehon propõe São João como modelo espiritual e vocacional dos Padres do Sagrado Coração de Jesus. A sua vocação discipular nasce do encontro com Jesus que constitui uma experiência espiritual de buscar, encontrar e permanecer com o Senhor. Indica como meios espirituais para o seguimento de Jesus o recolhimento, a pureza de intenção, a vida interior e a amizade íntima com Deus. Sua experiência profundamente afetiva de amar e sentir-se amado remete à interioridade, da qual o coração é símbolo. Por isso, é chamado de apóstolo do amor, apóstolo do Sagrado Coração e serve como modelo para todo homem e mulher chamado a viver um discipulado fundamentado no amor de um Deus de coração.

Palavras-chave: Discípulo amado; vocação; vida espiritual; Coração de Jesus.

Abstract: Léon Dehon proposes Saint John as the spiritual and vocational model of the Fathers of the Sacred Heart of Jesus. His discipleship vocation is born of the meeting with Jesus which is a spiritual experience of seeking, finding and remaining with the Lord. He indicates as spiritual means for the following of Jesus the recollection, the purity of intention, the inner life and the intimate friendship with God. His deeply affective experience of loving and feeling loved refers to the interiority of which the heart is a symbol. He is therefore called the apostle of love, the apostle of the Sacred Heart and serves as a model for every man and woman called to live discipleship based on the love of a God of heart.

Keywords: Beloved disciple; vocation; spiritual life; Heart of Jesus.

1. Mestre em Teologia Espiritual pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma; membro do Centro de Estudos Dehonianos na Casa Geral da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, em Roma.

Introdução

O ano de 1919 foi particularmente importante para padre Léon Dehon (1843-1925) e para a família religiosa que fundou em 1878, a Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus: nesse ano, foi publicada a sua obra *Directoire Spirituel*² que “exprime de modo completo a espiritualidade que ele quis deixar à congregação por ele fundada”³. Na segunda parte dessa obra, Dehon apresenta os “modelos e patronos da nossa vocação”. Depois de Jesus e o seu divino Coração, da Virgem Maria e de São José, também São João aparece no rol daqueles que o Fundador

2. *Directoire Spirituel* é o resultado de um longo processo redacional com o intuito de oferecer um guia espiritual aos membros do instituto. Desde os primeiros anos de fundação, Léon Dehon queria que junto às Constituições, de caráter jurídico, a vida espiritual e apostólica dos membros da Congregação fosse conduzida por um “diretório” que oferecesse as indicações práticas e ascéticas (como as Regras das grandes ordens religiosas). Uma primeira composição desse diretório apareceu em 1885, dentro do texto das primeiras Constituições, precisamente nos capítulos VIII e IX que apresentavam respectivamente “as virtudes próprias dos Padres do Sagrado Coração de Jesus” e “os exercícios de piedade e as práticas de perfeição”. Em 1891, uma nova versão do diretório foi inserida no *Thesaurus Precum*, livro de orações das comunidades do instituto. Nos anos 1905 e 1908 são elaboradas duas novas edições, muito semelhantes ao texto primitivo de 1885, com alguns acréscimos sobre a oração mental, a direção espiritual e as leituras espirituais. No período da Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918, praticamente impedido de deixar Saint-Quentin, cidade do norte da França onde fundou a congregação, Léon Dehon se dedicou a uma nova redação, muito mais ampla, considerando algumas anotações dos primeiros anos e luzes de oração da Irmã Maria de Santo Inácio, das Servas do Coração de Jesus. Assim, àquelas duas partes já existentes no primeiro texto, revistas e ampliadas, são antepostas outras quatro partes: “o espírito da nossa vocação”, “os modelos e patronos da nossa vocação”, “os votos e a vida religiosa” e “as regras”. Eis a versão definitiva do *Directoire Spirituel*, publicada em Louvain (Bélgica), em 1919. O *Directoire Spirituel* ainda ganhou uma edição revista em 1936.
3. Giuseppe MANZONI, “Storia del Direttorio Spirituale”, in Leone DEHON, *Direttorio Spirituale*, 1983, p. 17. A tradução em língua portuguesa dessa e de todas as demais citações feitas no nosso presente artigo, baseadas nos textos em língua original, foram feitas pelo autor do mesmo para favorecer uma leitura fluente. As indicações bibliográficas, porém, foram mantidas nas línguas de publicação dos mesmos.

propõe como modelo e patrono: “São João, sendo o apóstolo do amor, o apóstolo do Sagrado Coração, é necessariamente o patrono e o modelo dos Padres do Sagrado Coração”⁴. No entanto, é mister entender o significado da expressão “nossa vocação”, que aqui podemos ler como “vocação dehoniana”. No início dessa obra destinada a orientar a vida espiritual dos membros da Congregação, Léon Dehon assim se expressa: “Fim da nossa vocação: o espírito de amor e de reparação ao Sagrado Coração é a graça do tempo presente e do vindouro”⁵. Logo, só é possível outorgar o título de modelo da vocação dehoniana a quem viveu esse “espírito de amor e de reparação”⁶ ao Coração de Jesus de modo a manifestá-lo como uma graça para todos os tempos. Trata-se da graça da vocação, o alvo a perseguir com a própria vida.

Nos escritos de Léon Dehon, São João é apresentado como aquele que viveu uma aprofunda experiência espiritual de descoberta do amor de Deus no Coração de Jesus. O Coração de Jesus é um conceito fundamental para entender essa experiência espiritual. Segundo Léon Dehon, o Coração de Jesus é a revelação mais perfeita e generosa do amor de um Deus que se faz homem

4. DSP 103. Todos os textos escritos e publicados por Léon Dehon encontram-se disponíveis online em língua original francesa no site <<http://www.dehondocoriginals.org>> (fruto de um esforço do Centro de Estudos Dehonianos de Roma para favorecer o acesso aos textos com uma revisão crítica). Para cada obra aqui citada é atribuída uma sigla e um número que indica o parágrafo conforme texto disponível *online*. Neste artigo são citadas sete obras de Léon Dehon, a saber: ASC - *L'Année avec le Sacré-Cœur* (12 volumes); CSJ - *Le Cœur Sacerdotal de Jésus*; DSP - *Directoire Spirituel*; ESC - *Études sur le Sacré-Cœur de Jésus* (2 volumes); MSC - *Le Mois du Sacré-Cœur de Jésus*; NQT - *Notes Quotidiennes* (45 volumes); VES - *La Vie Intérieure: Exercices Spirituels*.
5. DSP 2.
6. A expressão “espírito de amor e reparação” que aparece com frequência no *Directoire Spirituel* e em outras obras espirituais de Léon Dehon é o termo fundamental para compreender o que vem definido como fim da vocação dehoniana na sua dimensão carismática. Esse espírito de amor e reparação ao Coração de Jesus consiste na firme decisão de amá-lo e na prontidão a tudo sacrificar por esse amor, para reparar e consolar Jesus da ingratidão dos homens (cf. DSP 45). Assim, o “espírito de amor e reparação” é o que caracteriza o estilo de vida dos Padres do Sagrado Coração de Jesus: fazer tudo por puro amor ao Coração de Jesus e para oferecer-lhe reparação. São João vem apresentado como modelo desse espírito.

e assume um coração humano para nos alcançar com seu amor: “Onde encontrar, com efeito, um coração que tenha amado mais puramente, mais perfeitamente e mais generosamente que aquele do nosso Deus e Redentor, que o Coração de Jesus, o Coração da vítima do amor?”⁷. O Coração de Jesus é a pessoa do Verbo de Deus encarnado que, sem excluir o seu amor eterno pelo Pai, manifesta o seu amor abundante pelos homens⁸: é preciso considerá-lo para compreender a experiência espiritual de São João abordada por Léon Dehon.

Essa experiência do amor do Coração de Jesus levou São João a uma resposta progressiva no espírito de amor e de reparação que identifica a sua vocação. Realmente, deparamo-nos com um verdadeiro percurso vocacional vivido pelo discípulo cujas etapas são particularmente individuadas pelo Quarto Evangelho. Podemos dizer que essa experiência vocacional, como “vida no espírito de amor e de reparação ao Coração de Jesus”, foi ao mesmo tempo uma “graça presente” para o próprio São João e uma “graça futura” para todos aqueles que encontrarão nele um modelo para viver a mesma experiência, o que justifica a importância de interpretar esse projeto vocacional que Léon Dehon propõe em São João para intuir o seu significado hodierno.

Mas antes de irmos aos textos de Léon Dehon sobre a vocação de São João, compreendamos bem a perspectiva que nos orienta. Nos textos bíblicos, encontramos muitos relatos de vocação, um gênero literário próprio para narrar a experiência de Deus que visa à missão de uma pessoa ou de um povo. “Teologicamente, a palavra ‘vocação’ indica o relacionamento particular que existe entre Deus e o homem por ele chamado [...] Todo falar de vocação na verdade se fundamenta sobre uma experiência de Deus e da sua palavra que tocou o homem pessoalmente”⁹. Assim, mais do que aludir a um gênero literário bíblico, é necessário entender a vocação como “vocação pessoal”, aquela que nasce de uma experiência única de encontro com Deus e que

7. DSP 4

8. Cf. ESC 2/117.

9. Tony WITWER, *I carismi nella Chiesa e la grazia dela vocazione*, 2012, p. 150.

provoca uma resposta irrepetível. Nesse sentido, a vocação deve ser vista como graça de Deus, poderíamos inclusive chamá-la de “a graça da vocação”, uma vez que se fala da atividade gratuita de Deus que chama, mas também da resposta livre do homem, movido pela mesma graça divina. Essa resposta é adesão total à vontade de Deus, fruto de uma relação vivida num contínuo diálogo. Isso fica ainda mais evidente na vocação consagrada, “na qual os cristãos assumem seriamente sua vocação batismal, procurando viver conforme os conselhos evangélicos”¹⁰. Assim, a graça da vocação implica numa resposta livre de alguém que prontamente quer corresponder ao chamado de Deus e dedicar-se a Ele com todo o coração, porque se sabe profundamente amado.

Seguindo essa trilha encontramos em Léon Dehon um conceito de vocação cunhado como vocação particular e pessoal que se realiza de modo sublime na vida consagrada: “Nosso Senhor chama a uma vocação particular e pessoal aqueles que se destinam a esse estado. A vocação religiosa é um grande favor, é a manifestação de uma escolha, de uma preferência de Nosso Senhor e a sua guarda de honra. É uma infantaria na Igreja”¹¹. Obviamente, essa compreensão é fruto de uma maturidade da própria experiência vocacional que o Fundador intui também para os membros do seu instituto. Podemos concluir que a vocação dehoniana é um chamado pessoal a viver o espírito de amor e de reparação ao Coração de Jesus na consagração religiosa. A partir desse conceito, Léon Dehon confirma São João como modelo da vocação dehoniana. De fato, a vocação desse discípulo é descrita como realização de uma vocação consagrada vivida como resposta à experiência de ser amado pelo Senhor. Trata-se, portanto, de um modelo que deve ser assumido por cada membro à medida que se percorre as mesmas etapas de um processo vocacional vivido por São João.

10. Tony WITWER, *op. cit.*, p. 153.

11. DSP 143.

1. O primeiro chamado ao discipulado

Léon Dehon consegue identificar os elementos que determinam as etapas do caminho vocacional de São João a fim de propô-lo como modelo. A primeira etapa dessa estrada, logo, é o primeiro encontro do discípulo com Jesus, quando acolheu o primeiro convite ao seguimento, o primeiro chamado ao qual segue uma resposta imediata de adesão. É o que vem expresso em *Directoire Spirituel* a respeito de São João: “Ele foi o discípulo predileto de Nosso Senhor, o discípulo privilegiado do Sagrado Coração. Desde que ouviu o *Sequere me*, afeiçãoou-se a Nosso Senhor”¹². No entanto, na tradição dos evangelhos sinóticos, a expressão “Segue-me” nunca foi dirigida pessoalmente ao apóstolo São João. Os três evangelistas apresentam o seu primeiro encontro com o Senhor junto ao mar da Galileia, enquanto estava na barca com os seus companheiros; Jesus convida ao discipulado os dois filhos de Zebedeu, Tiago e João, com a promessa de fazer deles “pescadores de homens” (cf. Mc 1,16-20; Mt 4,18-22; Lc 5,1-11). Mas, em *Directoire Spirituel*, o destinatário do vocativo “Segue-me” é muito bem indicado por Léon Dehon: era o “discípulo privilegiado do Senhor”. Essa definição nos aproxima do personagem do evangelho joanino, o Discípulo amado¹³.

12. DSP 103.

13. Ao considerar a figura joanina do Discípulo amado para desenvolver esse modelo espiritual e vocacional identificado na pessoa de São João, Léon Dehon adere à antiga tradição cristã que associa esse personagem anônimo do Quarto Evangelho com o apóstolo João dos evangelhos sinóticos, chamado de “João evangelista” na tradição ocidental e de “o Teólogo” na tradição oriental, considerado o autor do Evangelho de João, das três epístolas de João e do livro do Apocalipse. Autores importantes dos primeiros séculos do cristianismo sustentam que o Discípulo amado seja o apóstolo João: Santo Irineu de Lião, por exemplo, em *Adversus Haereses*, identifica João, o discípulo do Senhor, com aquele que se reclinou sobre o peito de Jesus na última ceia e que escreveu um evangelho em Éfeso (cf. *Adv. Haer.*, III, 1, 1); Eusébio de Cesareia, na sua *Historia Ecclesiastica*, apresenta João como o discípulo predileto do Senhor, apóstolo e evangelista que, retornando do exílio na ilha de Patmos depois da morte do imperador Domiciano, dirigia as igrejas da Ásia Menor (cf. *Hist. Eccl.*, III, 23, 1). Não entrando no mérito ou demérito dessa identificação, Léon Dehon claramente pensa ao Discípulo amado da tradição joanina quando propõe São João como modelo.

Todas as referências explícitas ao Discípulo amado no Evangelho de João aparecem somente na sua segunda parte (Jo 13–21). Na lógica do evangelista, trata-se da consumação da obra de Jesus no mistério da cruz e da ressurreição do qual o Discípulo amado participa com uma particular proximidade que lhe permite ser testemunha ocular dos principais eventos da “hora do Senhor”. A menção ao Discípulo amado aparece na última ceia (cf. Jo 13,23), junto da cruz do Senhor (cf. Jo 19,26), no sepulcro vazio (cf. Jo 20,2), na pesca milagrosa após a ressurreição (cf. Jo 21,7) e no banquete com o Ressuscitado à beira do mar da Galileia (cf. Jo 21,20). Mas seria um erro pensar que no Quarto Evangelho esse personagem entre em cena somente nos últimos dias da atividade de Jesus: a intimidade que caracteriza o seu relacionamento com o Mestre exige um longo tempo de convivência.

Assim sendo, na tentativa de identificar o ponto de partida da experiência do Discípulo amado no Evangelho de João, encontramos o discípulo anônimo do primeiro capítulo (cf. Jo 1,35-42) que junto com André foram os primeiros a seguir Jesus. Existem elementos textuais que aproximam esse discípulo anônimo do Discípulo amado: ambos não têm um nome próprio e todos os dois são incluídos na expressão “dois discípulos” (cf. Jo 1,37 e Jo 21,2). “Nós podemos pensar que, nos dois casos, o discípulo amado designa a si mesmo, escondendo-se. Desse modo, mesmo que ele apareça somente na segunda parte do evangelho, esse discípulo está ali presente desde o seu começo até o final”¹⁴.

Entretanto, se falamos do mesmo personagem, por que esse discípulo anônimo não aparece já como Discípulo amado na cena do primeiro capítulo do evangelho joanino? Podemos admitir tal identificação? Vejamos a posição do teólogo Raymond Edward Brown:

A proposta de identificar o Discípulo amado com o discípulo de 1,35-40 foi frequentemente contestada e rejeitada baseando-se no fato que, em toda parte, quando o Quarto Evangelho fala do protagonista da comunidade, esse é claramente identificado como “o Discípulo que Jesus amava”, enquanto que essa clarificação não aparece em 1,35-40. A objeção perde

14. Alain MARCHADOUR, *Venez et vous verrez*, 2011, p. 62.

sua força se consideramos que o discípulo inominado do cap. I não é ainda o Discípulo amado pelo simples motivo que, ao início do relato evangélico, ele ainda não chegara a compreender Jesus plenamente – o que pressupõe um desenvolvimento cristológico que interporia uma distância entre ele e os demais discípulos citados no primeiro capítulo, e que o conduziria, como nenhum outro, próximo a Jesus¹⁵.

Portanto, podemos ver em Jo 1,35-42 a primeira menção do evangelho joanino, mesmo se não explícita, ao Discípulo amado e ao mesmo tempo pressupor um desenvolvimento da sua experiência vocacional e da sua identidade à medida que se revela a compreensão cristológica de Jesus ao longo do livro evangélico. Considerar que o discípulo anônimo do primeiro capítulo do texto joanino seja o Discípulo amado da segunda parte do mesmo evangelho ratifica a compreensão de um itinerário vocacional defendida por Léon Dehon e nos consente encontrar nessa personagem um modelo da vocação discipular.

De fato, baseando-se na cena joanina do chamado dos primeiros discípulos, outros escritos de Léon Dehon apresentam São João como o primeiro discípulo de Jesus, quer cronologicamente, quer afetivamente. “São João foi o primeiro discípulo de Jesus com Santo André”¹⁶, um discipulado vivido desde o início como afeição e adesão total, “ele é o primeiro a juntar-se a Jesus na sua vida pública”¹⁷. Por isso, o primeiro chamado do Discípulo amado, essa primeira etapa do seu percurso vocacional, deve ser situada junto a João Batista, “em Bethânia, além do Jordão, onde João estava batizando” (Jo 1,28), no terceiro dia da atividade do Batista que “estava ainda lá com dois dos seus discípulos” (Jo 1,35). É esse o contexto que introduz a perícopos evangélica de Jo 1,35-42 que descreve precisamente o chamado do Discípulo amado.

A narração desse primeiro encontro com Jesus se desenvolve de maneira dinâmica, a cena é rica de diálogos que nos permi-

15. Raymond Edward BROWN, *The community of the Beloved Disciple*, 1979, p. 33.

16. CSJ 282.

17. ASC 4/19.

tem identificar ao menos quatro momentos¹⁸: o diálogo entre João Batista e os seus dois discípulos (cf. Jo 1,35-37); o diálogo entre Jesus e os dois discípulos (cf. Jo 1,38-39); o diálogo entre André e Simão Pedro (cf. Jo 1,40-41); o diálogo entre Jesus e Simão Pedro (cf. Jo 1,42). Além disso, nota-se que o relato enfatiza os diversos momentos por meio de abundantes verbos. Assim, a experiência dos primeiros discípulos é apresentada num movimento crescente: veem Jesus, ouvem as suas palavras, seguem-no, permanecem com ele, comunicam essa experiência a outros, conduzem até Jesus. É possível pensar uma estrutura literária concêntrica dessa perícopes, partindo dos movimentos da cena:

- A João Batista *fixa o olhar* em Jesus (Jo 1,35-36a);
- B João Batista *apresenta* Jesus aos discípulos como Cordeiro de Deus (Jo 1,36b);
- C Os dois discípulos *ouvem* João Batista e *seguem* Jesus (Jo 1,37);
- D A *procura* dos discípulos e a *resposta* de Jesus (Jo 1,38-39);
- C' André era um dos discípulos que *ouviu* João e *seguiu* Jesus (Jo 1,40);
- B' André *apresenta* Jesus a Simão como Messias (Jo 1,41);
- A' Jesus *fixa o olhar* em Simão (Jo 1,42).

Essa estrutura concêntrica nos permite constatar que ao centro da mensagem da perícopes está a experiência dos dois discípulos de João Batista que permanecem com Jesus. Alguns elementos que compõem a cena são fundamentais para entender a força dessa experiência: a iniciativa divina em Jesus que passa, o olhar de João Batista que se fixa em Jesus para depois apresentá-lo como Cordeiro de Deus, a predisposição dos dois discípulos para seguir Jesus, a pergunta de Jesus sobre a procura dos discípulos, o reconhecimento de Jesus como Mestre, a experiência de permanecer com Jesus onde ele mora. São exatamente estes os mesmos elementos ressaltados por Léon Dehon para definir o primeiro chamado como uma adesão de São João ao Senhor. Começa, desse modo, o desenvolvimento de um espírito de amor e de reparação que nos leva a reconhecer o Discípulo amado como modelo espiritual da vocação dehoniana.

18. Cf. Juan MATEOS; Juan BARRETO, *Il Vangelo di Giovanni*, 1982, p. 109.

2. O primeiro encontro com o Cordeiro de Deus

A partir da passagem do Evangelho acima mencionada, encontramos as circunstâncias em que acontece o chamado do Discípulo amado. Ele estava junto do seu mestre João Batista; Jesus passa e o Batista, fixando nele o olhar, diz: “Eis o Cordeiro de Deus”. O Discípulo amado é sensível à passagem de Jesus, o enviado pelo Pai na plenitude dos tempos (cf. Gal 4,4), o Verbo Encarnado e Filho unigênito que vem do Pai (cf. Jo 1,14), que passando por ele cria as condições para o encontro. Antes da iniciativa de Jesus, no entanto, há a iniciativa do Pai, origem de todo chamado. “Portanto, é verdade que, para uma adesão autêntica a Jesus, a iniciativa não pertence nem ao crente que se aproxima, nem mesmo a Jesus que chama; a iniciativa pertence ao Pai”¹⁹. E Léon Dehon reconhece essa iniciativa do Pai mesmo na pregação de João Batista que os discípulos acolhem: “Não foi por sua iniciativa própria, mas por um impulso divino que São João [Batista] prega a penitência em toda a região: ‘A palavra de Deus foi dirigida a João’ (Lc 3,2), diz o Evangelho. É o Espírito Santo quem o encarregou dessa pregação e quem a fez com ele”²⁰. Antes mesmo da passagem de Jesus, o Pai colocara já no coração dos discípulos, através do ensinamento do Batista, a predisposição progressiva para acreditar e acolher o apelo feito à sua liberdade pessoal²¹.

A iniciativa do Pai que ama e atrai para o seu Filho todos os homens está realmente no centro da mensagem do Evangelho de João: “Porque Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16). Ninguém pode vir até Jesus se não for atraído pelo Pai (cf. Jo 6,44). A fé em Jesus como adesão no seguimento tem sua origem e fundamento na atração divina. “Assim, em todo o seu Evangelho, São João nos revela o primado absoluto da iniciativa do Pai. Não há uma existência humana onde Deus esteja

19. Albert VANHOYE, “Notre foi, oeuvre divine”, in *Nouvelle Revue Théologique* 86 (1994), p. 344.

20. ASC 12/118.

21. Cf. Albert VANHOYE, *op. cit.*, p. 345.

ausente e onde o homem tenha que dar seus primeiros passos em direção a ele”²².

O Discípulo amado é sensível não somente à passagem de Jesus, mas também ao olhar que o seu mestre João Batista lhe dirige, e o reconhece quando narra a cena do primeiro encontro: “Ao ver Jesus que passava, disse: ‘Eis o Cordeiros de Deus’” (Jo 1,36). Mesmo antes de acolher as suas palavras, é o olhar fixo do Batista que atrai a atenção do Discípulo. “O texto destaca o olhar de João Batista, um olhar que ‘fixa’. O verbo grego expressa um olhar intenso. É como se ele nos sugerisse que apenas esse olhar reconhece a passagem de Jesus e reconhece Jesus como o cordeiro. Este olhar vê o cordeiro, olhando para Jesus”²³. Depois, quase como um prolongamento do seu olhar intenso e penetrante, o Batista apresenta aos seus dois discípulos o cordeiro de Deus. A fórmula “Eis o Cordeiro de Deus!” dirigida pessoalmente aos discípulos é um convite para ter esse mesmo olhar capaz de reconhecer o Filho de Deus: vede também vós o Cordeiro de Deus! Desta forma, descobrimos que o testemunho de João pretende despertar olhares, como o seu, capazes de reconhecer Jesus que passa.

Em espírito de recolhimento²⁴, o Discípulo amado é capaz

22. Albert VANHOYE, *op. cit.*, p. 353-354.

23. Davide D’ALESSIO, *Una comunità di uomini liberi*, 2011, p. 15-16.

24. Na Teologia Espiritual, o recolhimento é entendido como o desapego da alma das coisas externas e da reflexão sobre si para fixar-se no objeto de consideração, ou seja, Deus. Não significa desprezo pelas coisas, mas a escolha de um bem maior: permanecer em Cristo, o objetivo da perfeição cristã. Portanto, está sempre orientado para uma experiência mais elevada, da qual é condição e mesmo antecipação. Em suma, o recolhimento é a experiência de uma autêntica vida no espírito para além das realidades materiais até alcançar o encontro com Deus. Podemos distinguir três tipos de recolhimento: o recolhimento geral (a vigilância contínua em manter o coração quieto e livre); o recolhimento especial (a redução das agitações da alma ao desejo de Deus); o recolhimento sobrenatural (o amor que vem de Deus penetra na alma e a unifica). Do ponto de vista do sujeito, o recolhimento pode ser ativo, quando o homem progride da meditação para a contemplação de simples olhar para Deus, ou passivo, quando é o amor divino que ilumina o homem e o eleva a Deus com uma força muito intensa. Cf. Giovanni DELLA CROCE, “Raccoglimento”, in *DIZIONARIO Enciclopedico di Spiritualità* III (1990), p. 2117; Hermann Josef SIEBEN, “Recueillement”, in *DICTIONNAIRE de Spiritualité* XIII (1990), p. 255; Saturnino LOPEZ SANTIDRÍAN, “Recueillement dans la spiritualité”, in *DICTIONNAIRE de Spiritualité* XIII (1990), p. 262.

de acolher o testemunho do Batista e dirigir o olhar para Jesus que passa. Léon Dehon, no *Directoire Spirituel*, indica tal recolhimento como uma das virtudes próprias da “nossa” vocação: “O recolhimento é uma condição necessária para a fé viva, a confiança e o amor. Devemos ter nosso olhar, o olhar interior da nossa alma, sempre fixo em Jesus. Devemos vê-lo em tudo e sempre”²⁵. Logo, podemos reconhecer no Discípulo amado, aquele que aprendeu a ter os olhos fixos em Jesus, sensível à sua passagem, um modelo espiritual do recolhimento necessário para viver a própria vocação. Nesse espírito de recolhimento, o Discípulo amado pode escutar e acolher as palavras de João Batista. Léon Dehon nos lembra que essas mesmas palavras antes foram dirigidas à multidão (cf. Jo 1,29) e depois, mais intimamente, foram ditas aos dois discípulos (cf. Jo 1,36) num modo que provocou uma resposta imediata de seguimento:

Duas vezes São João Batista saúda o cordeiro de Deus. Uma primeira vez diante da multidão que veio para receber o batismo de penitência. João Batista, vendo Jesus que vinha em sua direção, gritou: “Eis aqui o cordeiro de Deus, eis aquele que tira os pecados do mundo” (Jo 1,29). No dia seguinte, mais intimamente, diante de dois discípulos privilegiados, André e João, ele diz novamente: “Eis aqui o cordeiro de Deus” (Jo 1,36). E os dois discípulos se apegaram a Jesus e o seguiram, e este foi o começo da Igreja²⁶.

A força da resposta imediata do Discípulo amado vem da disposição à escuta daquela sedutora apresentação feita pelo Batista antes ainda do convite do próprio Jesus. Na compreensão de Dehon, o Discípulo amado foi favorecido pelo espírito de recolhimento que lhe permitiu meditar incessantemente aquelas palavras do seu primeiro mestre que invadiram o seu coração e tomar consciência da possibilidade de encontrar naquele que passava a resposta para a sua busca vital: “Depois de escutar João Batista chamar Jesus de Cordeiro de Deus, encontrou prazer na doçura desse nome e o meditou sem cessar”²⁷. A candura desse nome, Cor-

25. DSP 336.

26. ESC 1/332.

27. ASC 12/249.

deiro de Deus, tornar-se-á o conteúdo do testemunho do Discípulo amado até o fim de sua vida.

João Batista convida o Discípulo amado à contemplação do Cordeiro de Deus. Na sua última obra espiritual, *Études sur le Sacré-Cœur de Jésus*²⁸, Léon Dehon associa a imagem do Cordeiro de Deus àquela do Sagrado Coração de Jesus: “O Cordeiro de Deus é o Salvador manso e humilde de coração, o Salvador com o coração transpassado pela lança”²⁹. Dehon cita na sua obra um autor contemporâneo, Joseph Blanc, que nos ajuda a reconhecer a importância do termo “Cordeiro de Deus” para a experiência vocacional do Discípulo amado: “Com este nome, o Salvador lhe foi revelado pelo Precursor. Era a lembrança da sua primeira fé em Jesus que tornava tão cara a João a figura do Cordeiro. Era também a recordação, sempre tocante e penetrante, do primeiro chamado à vida apostólica”³⁰. Por isso, parece-nos necessário compreender bem o significado desse título cristológico para entender a força motriz do primeiro chamado do Discípulo amado.

A expressão “ὁ ἀμνὸς τοῦ θεοῦ”, o Cordeiro de Deus, aparece somente duas vezes no Quarto Evangelho, sempre na boca de João Batista (cf. Jo 1,29.36), e não a encontramos nenhuma vez nos evangelhos sinóticos. “Isso nos leva a supor que não se trata de uma criação do evangelista, mas que este a assumiu de uma tradição anterior, porque em harmonia com sua própria cristologia, mesmo que seja difícil encontrar a chave para essa harmonia”³¹. Assim, a designação muito provavelmente remete ao Batista como elemento original da sua pregação, apesar da dificuldade de precisar o seu significado.

28. Obra publicada em Paris, em 1922, em dois volumes. Léon Dehon tinha o desejo de escrever uma “Suma do Sagrado Coração de Jesus” e já em 1900 preparava algumas anotações para esse projeto, como podemos ler no seu diário (cf. NQT 16/38). Assim, nos últimos anos de sua vida, surgem os dois volumes de *Études sur le Sacré-Cœur de Jésus* como uma sua contribuição para a preparação dessa suma doutrinal sobre o Coração de Cristo.

29. ESC 1/331.

30. Joseph BLANC, *L'Agneau de Dieu*, 1913, p. 15.

31. Renzo INFANTE, “L'Agnello nel Quarto Vangelo”, in *Rivista Biblica* 43 (1995), p. 332.

No Novo Testamento, encontramos três termos gregos que correspondem à palavra “cordeiro”: o termo “ἀμνός” (= cordeiro), palavra masculina, que além da dupla ocorrência na boca de João Batista, aparece somente outras duas vezes no Novo Testamento (cf. At 8,32; 1Pd 1,19); o termo “ἄρνός” (= cordeiro), palavra masculina, que aparece somente em Lc 10,3 no plural para indicar os discípulos e a sua exigente missão; e o termo “ἄρνιον” (= cordeirinho), palavra neutra e diminutivo de “ἄρνός”, que aparece em Jo 21,15 e outras 29 vezes no Apocalipse³². As referências neotestamentárias ao cordeiro, porém, retomam uma tradição precedente do antigo Israel. De fato, Léon Dehon procura encontrar no Antigo Testamento as raízes dessa tradição para entender a experiência que o Discípulo amado faz do Cordeiro de Deus como uma crescente compreensão da mensagem veterotestamentária que em Jesus chega à sua plenitude:

São João via todo o Antigo Testamento à luz do cordeiro, ou seja, à luz do Sagrado Coração. O mistério do cordeiro imolado se manifesta sobretudo em Gênesis, onde o sangue do cordeiro é o sinal da salvação na saída do Egito e nas celebrações pascais de cada ano. Os profetas viram o mistério do cordeiro como Moisés. Jeremias, que é ele mesmo uma figura do Cristo perseguido, compara-se ao cordeiro doce que é levado ao sacrifício (cf. Jr 11,19). Isaías, em seu belo capítulo 53, onde a paixão do Salvador é tão claramente marcada, descreve o Messias como um cordeiro que se deixa imolar em silêncio (cf. Is 53,7). São João recebe pouco a pouco a inteligência de todas essas profecias e, quando vê no Tabor Jesus que se entretém de maneira comovente com Moisés e Elias, compreende que eles conversam entre si sobre o iminente sacrifício do cordeiro no Calvário³³.

No texto acima citado, Léon Dehon recupera dois contextos do Antigo Testamento nos quais aparece o cordeiro de Deus: o Êxodo, segundo a tradição do Pentateuco, em que o sangue do cordeiro emerge como sinal de salvação e libertação; e o anúncio

32. Cf. Maria-Luisa RIGATO, *Giovanni. L'enigma, il presbitero, il culto, il Tempio, la cristologia*, 2007, p. 165.

33. ESC 1/337-338.

profético, no qual o manso cordeiro, símbolo messiânico, deixa-se conduzir ao sacrifício e é imolado. Segundo alguns estudiosos bíblicos³⁴, além desses dois contextos, ainda um terceiro nos oferece a imagem do cordeiro de Deus: o juízo final da literatura apocalíptica do Antigo Israel, no qual o cordeiro imolado e alçado é apresentado como aquele que vence o pecado. Facilmente podemos identificar essas três tradições na apresentação do Cordeiro de Deus feita por João Batista e acolhida pelo Discípulo amado.

Na primeira vez que João Batista apresenta Jesus como cordeiro de Deus, acrescenta uma outra designação: ele é quem tira o pecado do mundo (cf. Jo 1,29). Essa imagem pode ser imediatamente associada ao quarto cântico do Servo sofredor de Isaías, apontado como cordeiro conduzido ao matadouro e oferecido como sacrifício de reparação pelos pecados de muitos (cf. Is 53,7-12). Devemos nos lembrar que a tradição cristã associou João Batista ao Dêutero-Isaías (Is 40-55), propondo-o como voz que grita no deserto (cf. Is 40,3), permitindo-nos identificar no discurso do Batista a indicação de Jesus como o Servo sofredor messiânico³⁵. Essa ideia reaparece no Novo Testamento quando o diácono Filipe, explicando ao eunuco o texto de Is 53, revela que é Jesus o cordeiro imolado (cf. At 8,32-35).

Uma segunda tradição assumida por João Batista no anúncio do Cordeiro de Deus é aquela do cordeiro pascal que o povo de Israel comeu ao início do Êxodo, cujo sangue libertou o povo da escravidão e da morte no Egito (cf. Ex 12,1-14). Nesse caso, as palavras do Batista estabelecem uma contraposição entre Jesus e Moisés e indicam a ideia de um novo êxodo realizado pelo Verbo de Deus que “armou a sua tenda” em meio aos homens (cf. Jo 1,14). Assim, todo o Evangelho de João, como um eco das palavras de João Batista, revela o evento Jesus até a morte na cruz à luz do mistério pascal. “Esses dados tornam inequívoca a expressão ‘Cordeiro de Deus’, que anuncia ao mesmo tempo a morte de Jesus e a nova Páscoa, isto é, o êxodo que Deus está prestes a realizar. Ele

34. Cf. Alain MARCHADOUR, *Venez et vous verrez*, 2011, p. 57-58.

35. Cf. Raymond Edward BROWN, *The Gospel according to John I*, 1966, p. 61.

é o Cordeiro festivo (Páscoa) e libertador (êxodo)”³⁶. A primeira carta petrina confirma tal compreensão, mostrando Jesus como o cordeiro pascal sem defeito e sem mancha que nos resgata e nos liberta (cf. 1Pd 1,18-19).

A expressão “Cordeiro de Deus” atribuída a Jesus refere-se ainda à tradição apocalíptica de Israel. Realmente, “na literatura apocalíptica, mesmo que não muito difundida, aparece a ideia do cordeiro que, como guia do rebanho de JHWH, combate e derrota com força os inimigos”³⁷. Essa tradição está muito presente na pregação escatológica do Batista que encontramos nos evangelhos sinóticos: o anúncio da ira iminente de um Deus disposto a lançar no fogo toda árvore que não produz bons frutos (cf. Lc 3,7-9) e que tem na mão uma pá para limpar a sua eira e queimar a palha num fogo inextinguível (cf. Mt 3,12). Isso confirma que a mensagem do Batista encontrou uma fonte de inspiração na literatura apocalíptica.

Reencontramos a imagem do cordeiro escatológico no livro do Apocalipse que retoma muitos aspectos da literatura apocalíptica do Antigo Israel. Isso nos parece muito importante já que Léon Dehon atribui a paternidade do livro do Apocalipse ao Discípulo amado, como uma continuidade do anúncio do Cordeiro de Deus até o fim de sua missão: “Ele escutou João Batista chamar Jesus de Cordeiro de Deus e encontrou seu prazer em reafirmar esse título cem vezes no Apocalipse”³⁸. Na verdade, como já dissemos, o cordeiro, ou melhor, o cordeirinho – “ἀρνίον” – aparece 29 vezes na boca do vidente de Patmos (cf. Ap 5,6.8.12.13; 7,9-10.17; 12,10.11; 13,8; 14,1.4.10; 15,3; 17,4; 19,7.9; 21,9-10.14.22-23.27; 22,1.3). É importante considerar que “o Cordeirinho do Apocalipse é um cripto-epíteto de Jesus Cristo: não é nunca identificado diretamente com ele, mas o podemos deduzir no contexto”³⁹. Facilmente percebemos a relevância dessa imagem,

36. Juan MATEOS; Juan BARRETO, *op. cit.*, p. 97.

37. Renzo INFANTE, “L’Agnello nel Quarto Vangelo”, in *Rivista Biblica* 43 (1995), p. 339.

38. CSJ 282.

39. Maria-Luisa RIGATO, *Giovanni. L’enigma, il presbitero, il culto, il Tempio, la cristologia*, 2007, p. 166.

presente do início ao fim do livro, a quem são atribuídas prerrogativas divinas que obviamente se referem a Jesus: o cordeirinho perante quem todo joelho se dobra (cf. Ap 5,8); o cordeirinho que está sobre o monte Sião, lugar onde surgia o templo (cf. Ap 14,1); o cordeirinho que é imagem do templo da nova Jerusalém (cf. Ap 21,22). E podemos claramente associar a figura do cordeirinho do Apocalipse àquela do cordeiro pascal – *pesach* – que, segundo a descrição do Êxodo, deveria ter nascido naquele mesmo ano (cf. Ex 12,3-5).

No entanto, uma outra imagem pode ser identificada no Cordeirinho: aquela do *talmid*, o sacrifício diário de dois cordeiros de um ano, holocausto quotidiano e perene, perfume agradável ao Senhor, não pelos pecados, mas exclusivamente em honra de JHWH (cf. Ex 29,38-42; Nm 28,3-8). Desse modo a *Mishná* estabelece a preparação do cordeirinho para o *talmid*: “Regavam o *talmid* com um cálice de ouro antes de abatê-lo. O seu pé não era quebrado (verbo *shabar*), mas era perfurado (*naqab*) no meio de sua articulação e pendurado (*tahal*). O coração (*leb*) era rasgado (*qara'*) para fazer sair o sangue”⁴⁰. De fato, muitas dessas prescrições em relação ao *talmid* foram usadas pelo Discípulo amado na composição da cena da Cruz em seu Evangelho: também a Jesus é oferecida uma bebida antes de ele ser abatido (cf. Jo 19,28-29); suas pernas e seus ossos igualmente não foram quebrados (cf. Jo 19,33.36); ele também foi perfurado por pregos no meio da articulação das mãos (cf. Jo 20,25); ele foi pendurado na cruz (cf. Jo 19,18.20); ele teve o coração rasgado do qual saiu sangue e água (cf. Jo 19,34).

Partindo dessa leitura, podemos deduzir que o Cordeirinho do Apocalipse, que possui as características do cordeiro do *talmid*, é o mesmo Cordeiro oferecido na Cruz: é Jesus, a oferta agradável para a honra do Pai. E é um somente quem o testemunha, aquele que um dia escutara as palavras “Eis o Cordeiro de Deus” (cf. Jo 1,36), que voltou o seu olhar para esse Cordeiro imolado na Cruz como testemunha ocular (cf. Jo 19,35) e que até o fim da sua vida proclamou o triunfo escatológico desse Cordeiro sobre o trono (cf. Ap 22,1-5); e essa testemunha é o Discípulo amado. Portanto, a

40. Maria-Luisa RIGATO, *op. cit.*, p. 171.

escuta atenta daquele doce nome e o olhar fixo no Cordeiro são as disposições do Discípulo amado para acolher o chamado do Senhor naquele primeiro encontro. E essas disposições permanecerão até o fim no coração de São João, como diz Dehon: “O apóstolo São João não perderá jamais de vista essa palavra: ‘*Conservabat omnia verba haec*’ (cf. Lc 2,19). Meditará essa palavra sem cessar, vai compreendê-la sempre mais e vai repeti-la no seu Evangelho e em cada página do Apocalipse. Para ele, Jesus será sempre o cordeiro, porque a principal função do Verbo incarnado foi o seu sacrifício vital”⁴¹.

3. A procura por Jesus

A sensibilidade ao olhar de João Batista que se volta para Jesus e a escuta das palavras “Eis o Cordeiro de Deus” provocam no Discípulo amado um seguimento imediato: “Os dois discípulos ouviram-no falar e seguiram Jesus” (Jo 1,37). Léon Dehon fala de uma prontidão no seguimento que antecede mesmo o conhecimento da proposta: “Tendo apenas ouvido a palavra profética de São João Batista, ‘*Ecce Agnus Dei*’, ele segue Jesus com Santo André, escuta-o longamente, passa todo aquele dia junto dele”⁴². Antes que Jesus dissesse algo, o Discípulo amado já parte atrás dele. Podemos dizer que é modelo de uma pronta e total disponibilidade ao seguimento. Tal abertura, sem restrições, indica a presença de uma força de atração que move o discípulo. Efetivamente, Dehon descreve a cena quase como um jogo de sedução: “Jesus vai começar o seu apostolado. Seu Coração é um amante que atrai todos os corações. André e João o viram e não podem mais deixá-lo. Eles o seguem e passam a noite escutando-no”⁴³. Podemos dizer que existe uma receptividade ativa na experiência vocacional do Discípulo amado: tendo o coração atraído por Jesus desde que o viu pela primeira vez, não pode deixar de segui-lo. A total disponibilidade e a prontidão são próprias de um coração seduzido e, por isso mesmo, capaz de qualquer sacrifício por Aquele que o conquistou. Para

41. ESC 1/336.

42. ASC 4/19.

43. ESC 1/208.

Dehon, este é o espírito próprio da “nossa vocação” cujo modelo é o Discípulo amado: “estar pronto para tudo, deixar fazer, aceitar tudo com amor, como desejado ou permitido por Deus, eis um sacrifício que é agradável ao Sagrado Coração de Jesus”⁴⁴.

Segundo o relato evangélico, encontrando essa disponibilidade no coração dos dois discípulos, Jesus mais uma vez toma a iniciativa de ir ao seu encontro e lhes dirige uma pergunta fundamental: “Jesus voltou-se e, vendo que eles o seguiam, disse-lhes: ‘Que procurais?’” (Jo 1,38a). Pode parecer estranho e mesmo incongruente uma semelhante pergunta da parte daquele que conhece os corações e perscruta os pensamentos. Na verdade, Jesus procura criar espaço para que os discípulos se abram à experiência do encontro. São João Crisóstomo afirma que Jesus “pergunta não para saber, mas para fazer-se mais amigável com o gesto de dirigir-lhes primeiro a palavra a fim de dar-lhes mais confiança e demonstrar-lhes que merecem a sua atenção”⁴⁵.

O verbo grego que encontramos na pergunta de Jesus, “ζητέω” (= procurar), aparece 34 vezes no Evangelho de João⁴⁶, o que nos indica a sua importância no contexto joanino. A pergunta feita aos dois discípulos, “Τί ζητεῖτε” (= O que procurais?), contém as primeiras palavras de Jesus em todo o Quarto Evangelho. De fato, a primeira coisa que Jesus diz no Evangelho de João não é uma proclamação, ou um longo discurso, ou um grande ensinamento por meio de uma parábola, mas simplesmente uma pergunta: “O que procurais?”. “Τίνα ζητεῖς” (= Quem procuras?) é igualmente a pergunta de Jesus para Maria Madalena no dia da ressurreição, também aqui as primeiras palavras do Ressuscitado (cf. Jo 20,15). É importante notar que é o próprio Jesus quem aparece como objeto da procura de tantos ao longo do Evangelho: a multidão procura Jesus (cf. Jo 6,24; 11,56); os judeus procuram Jesus (cf. Jo 7,11); os discípulos procurarão Jesus (cf. Jo 13,33). Logo, as primeiras palavras de Jesus querem suscitar nos dois discípulos não somente uma abertura para a experiência do encontro, mas

44. DSP 9.

45. GIOVANNI CRISOSTOMO, *Commento al Vangelo di Giovanni*, 18, 3.

46. Cf. Erik LARSON, “ζητέω”, in *Dizionario Esetico del Nuovo Testamento I* (2004), p. 1511.

também o desejo de estar com ele. “Jesus se volta e lhes pergunta: ‘O que procurais?’ O verbo aramaico que provavelmente Jesus usou pode ser compreendido em dois sentidos muito próximos: procurar ou desejar. O segundo sentido é o melhor a ser aplicado nesse caso”⁴⁷. Isso é relevante porque no desejo está a origem das intenções que movem toda ação. O seguimento já iniciado pelos discípulos deve ser sustentado pelo desejo de estar com Jesus.

A pergunta que Jesus dirige aos discípulos tem, portanto, uma função pedagógica: sua intenção é despertar nos discípulos o desejo e a consciência das razões pelas quais o seguem. “Quer saber o objetivo que perseguem. Podem existir muitos diferentes motivos para seguir Jesus. Pergunta aos dois o que procuram, o que esperam dele e o que creem que possa lhes dar”⁴⁸. Trata-se de uma pergunta que conduz à interioridade, que faz refletir sobre as motivações, que faz apelo à intencionalidade; e a uma pergunta como essa não se responde com simples palavras, mas com a profundidade do coração. Jesus reivindica a pureza de intenção⁴⁹, como já intuía o Doutor Angélico: “Por isso o Senhor pergunta qual seja a intenção deles: ‘O que procurais?’. Não pergunta para saber, mas para que os discípulos, ao manifestarem sua reta intenção, tornem-se mais familiares a ele”⁵⁰. A retidão e a pureza de intenção são os meios pelos quais os discípulos podem alcançar a intimidade da relação com Jesus.

47. Marie-Émile BOISMARD, *Du baptême à Cana*, 1956, p. 73.

48. Juan MATEOS; Juan BARRETO, *op. cit.*, p. 110.

49. Nos autores espirituais, encontramos uma continuidade entre pureza de coração e visão beatífica, como dizem as bem-aventuranças do Evangelho de Mateus (cf. Mt 5,8). No entanto, essa pureza significa um programa de conversão do coração e, necessariamente, das intenções do coração. A pureza de intenção é um conceito desenvolvido particularmente por Santo Inácio de Loyola que, no “Princípio e Fundamento” dos *Exercícios Espirituais* (cf. EE 23), aponta a finalidade última do ser humano: a glória de Deus. Assim sendo, pureza de intenção é o desejo de tudo fazer para agradar a Deus; é a procura de Deus na perda de si mesmo, sem restrições, unicamente para ser-lhe agradável. Logo, a intenção é sempre mais pura se visa ao fim último. É a pureza de intenção que doa às nossas ações o seu valor: não são as decisões que dirigem a intenção, mas a intenção pura em direção do fim último que deve orientar toda ação humana. Cf. Michel DUPUY, “Pureté-Purification”, in *Dictionnaire de Spiritualité* XII (1986), p. 2645-2647.

50. TOMMASO D'AQUINO, *Commento al Vangelo di San Giovanni I*, 1990, p. 288.

Segundo Léon Dehon, “a pureza de intenção ou a simplicidade consiste em ter apenas uma intenção, que é servir a Deus e agradá-lo. Significa fazer as ações grandes e fortes porque feitas com um grande desejo de agradar a Deus”⁵¹. Realmente, a pureza de intenção, assim compreendida, aparece no *Directoire Spirituel* como uma das virtudes próprias da vocação dehoniana, capaz de mover a consciência para uma união contínua com Deus: “quando esta fidelidade e esta delicadeza de consciência têm por motivo uma intenção pura e nobre, constituem uma fonte de abundantes favores divinos e grandes graças. É um ato contínuo de virtude. A alma se mantém em perpétua união com Deus”⁵². E Dehon acrescenta que a pureza de intenção é imprescindível para sustentar todos os esforços quotidianos: “Sem a pureza de intenção são vãos os nossos esforços, as nossas ações não são mais que ramos secos em que já não circula a seiva que lhes dá a vida; são obras mortas, dado que lhes falta a intenção que é sua alma e vida”⁵³.

Assim, podemos dizer que aquela pergunta do Senhor estimulou o Discípulo amado ao crescimento na pureza de intenção, virtude necessária para viver a sua vocação. Na verdade, “a pureza do seu coração lhe permitiu uma união mais íntima com o Senhor”⁵⁴ e movido sempre pelo desejo de uma maior união com Jesus “ele avançou ainda mais em virtude, em pureza e em perfeição”⁵⁵ ao longo do seu apostolado. A pureza de intenção favoreceu o discípulo a viver sua vocação como uma dinâmica de seguir e morar, de buscar e encontrar. “Seguir Jesus para morar lá onde ele vive, procurar Jesus para o encontrar, eis aquilo que constitui a essência mesma do discípulo; seguir e procurar é o que Cristo exige daquele que quer ser seu discípulo; encontrar e morar é a recompensa daqueles que souberam seguir e procurar”⁵⁶. A resposta dos dois discípulos será precisamente a expressão da sua reta intenção e do seu desejo de fazerem-se discípulos e morarem

51. VES 108.

52. DSP 320.

53. DSP 321.

54. DSP 106.

55. DSP 110.

56. Marie-Émile BOISMARD, *op. cit.*, p. 75.

com o Mestre. Encontramos, assim, uma outra razão pela qual o Discípulo amado é indicado como modelo espiritual da vocação dehoniana: na prontidão para o seguimento e no acolhimento da provocante pergunta de Jesus, ele aparece como protótipo exemplar da pureza de intenção, virtude necessária para viver uma união íntima com o Senhor. São João ensina o método para alcançar a vida de união com o Coração de Jesus que caracteriza nossa vocação: progredir gradualmente na retidão de coração e aproximar o desejo mais pessoal e mais interior àquele do Senhor. É o que significa morar com ele.

4. A experiência de permanecer com Jesus

No texto evangélico, os dois discípulos respondem à pergunta de Jesus com uma outra pergunta: “*Rabbi (que, traduzido, significa Mestre), onde moras?*” (Jo 1,38b). Mais que um pedido de referência geográfica da residência de Jesus, o que os discípulos exprimem é o seu desejo e a reta intenção de conhecer em profundidade aquele que antes lhes fora indicado como o Cordeiro de Deus. Na sua pergunta, os discípulos postulam uma nova experiência de discipulado, segundo a interpretação de Léon Dehon sobre o significado desse momento no percurso vocacional do Discípulo amado: “Ele se torna postulante quando pergunta ao Senhor: ‘Mestre, onde moras?’”⁵⁷. Essa resposta-pergunta dos dois discípulos contém em si dois elementos fundamentais do início de uma experiência: o reconhecimento de um novo Mestre e a predisposição para ir ao seu encontro. A primeira palavra dirigida a Jesus é o vocativo “*Rabbi*” (= “meu senhor”), que no judaísmo do tempo de Jesus era usado seja em relação aos mestres da Lei, seja associado à ideia de seguimento e discipulado⁵⁸. *Rabbi* era o título respeitoso que indicava a disposição de alguém a seguir as instruções de outrem. De fato, o evangelista introduz uma observação dizendo que a expressão hebraica significa “*Διδάσκαλε*” (=

57. DSP 107.

58. Cf. Gerhard SCHNEIDER, ῥαββί, in *Dizionario Esegético del Nuovo Testamento* II (2004), p. 1240-1241.

Mestre). É estranho, e mesmo desconcertante, que no texto evangélico, depois de mencionado que aqueles dois eram discípulos de João Batista, encontremos essa palavra em sua boca. Leva-nos a pensar que eram discípulos de João Batista, mas numa condição provisória, enquanto esperavam aquele que lhes fora anunciado. Assim, chamar Jesus de Mestre era o ponto de partida para uma nova experiência de discipulado.

Nessa perícopé joanina do encontro de Jesus com os dois primeiros discípulos, a exclamação *Rabbi* introduz uma pergunta: “*ποῦ μένεις*” (= onde moras?). Com tal pergunta, os discípulos não só manifestam o desejo de ir ao encontro de Jesus, mas também a abertura para uma nova experiência de discipulado. “A relação mestre-discípulo naquele tempo não se limitava à transmissão de uma doutrina: aprendia-se um modo de viver. Para o discípulo, a vida do mestre era a norma. Querem conhecer onde vive Jesus, a sua casa, diferente do lugar onde estava João. Distanciam-se do antigo mestre. Estão dispostos a fazer uma passagem, a ser próximos de Jesus e viver sob sua influência”⁵⁹. A morada de Jesus, no entanto, é a vida mesma dos discípulos. O Verbo que desceu do seio do Pai e armou a sua tenda em meio a nós (cf. Jo 1,14) habita onde pode entrar. Por isso, a resposta imediata de Jesus à pergunta dos discípulos, “Vinde e vede!” (Jo 1,39a), é também um convite para ver onde ele mora e permanecer com ele. É o significado do verbo grego “*μένω*” (= morar, permanecer), que “exprime um aspecto capital da resposta do homem à iniciativa do amor de Deus em Jesus Cristo”⁶⁰. Esse verbo aparece abundantemente no evangelho de João, mais precisamente 40 vezes⁶¹, sempre como expressão de uma autêntica experiência de comunhão com Jesus e como *conditio sine qua non* para ser seu discípulo: “Se permanecerdes [*μείνητε*] na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos” (Jo 8,31). Assim, “pode-se pensar que, na hierarquia do discipulado, o degrau mais alto seja representado por aqueles que ‘realmente são discípulos’, que permanecem na palavra de Jesus. É

59. Juan MATEOS; Juan BARRETO, *op. cit.*, p. 110.

60. Donatien MOLLAT, *Giovanni maestro spirituale*, 1984, p. 135.

61. Cf. Hans HÜBNER, μένω, in *Dizionario Esegético del Nuovo Testamento II* (2004), p. 332.

o caso de João, discípulo sem restrição desde o início. É, portanto, o Discípulo que Jesus amava⁶².

Depois de acolherem esse convite de Jesus, os discípulos se dispõem a permanecer com ele: “Então eles foram e viram onde morava, e permaneceram com ele aquele dia” (Jo 1,39b). A resposta dos discípulos se concretiza em três ações – ir, ver e permanecer – que, de forma crescente, exprimem o deslocamento, a experiência e a intimidade alcançada no relacionamento com o Senhor. Deve ser a experiência de todo discípulo: porque Jesus antes criou a ocasião, passou por ele, voltou-se para ele, perguntou-lhe o que procurava, convidou-o para ir e ver onde morava, abriu-lhe a porta de sua casa, “então o discípulo, quem quer que ele seja, pôde colocar-se a caminho atrás de Jesus e finalmente habitar com ele: enfim, a sua morada tornou-se o amor de Jesus mesmo⁶³. Essa é a primeira lição do Mestre: fazer-se seu discípulo significa fundamentalmente morar no seu amor e cultivar uma vida interior de união permanente com ele. A vocação discipular é, pois, uma vocação à interioridade⁶⁴.

Nessa perspectiva, o Discípulo amado surge como modelo de vida interior e de união permanente com o Senhor. Léon Dehon, sempre no *Directoire Spirituel*, indica a vida interior como uma virtude basilar sem a qual não se pode viver a vocação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus: “A vocação dos Sacerdotes do Coração de Jesus é inconcebível sem a vida interior. Os atos frequentes de amor, de desagravo, de reparação, de fé viva e de abandono, que são a vida de uma vítima do Coração de Jesus, só podem

62. Alain MARCHADOUR, *I personaggi del Vangelo di Giovanni*, 2007, p. 168.

63. Donatien MOLLAT, *Giovanni maestro spirituale*, 1984, p. 86.

64. Interioridade é uma expressão que recebeu dos autores espirituais diferentes definições e que, num sentido amplo, é considerada como sinônimo de uma vida devota. Um conceito mais específico, porém, entende a interioridade como um impulso que nos faz alcançar o ser divino ou o ser criado na sua profundidade, quando esses se oferecem a nós, quer na percepção natural, quer na palavra revelada. Todavia, não se trata de um chamado restrito a uma elite espiritual, mas de uma graça infusa no batismo pela qual o “homem interior” está presente em cada cristão. Essa graça da vida interior deve ser introduzida em todas as ações exteriores através do hábito da oração e da execução das mais diversas atividades com plena consciência da presença do amor de Deus em nós. Cf. Maurice NÉDONCELLE, “Interiorité et vie spirituelle”, in *Dictionnaire de Spiritualité* VII (1950), p. 1902-1903.

se encontrar numa vida realmente interior, na união habitual com Nosso Senhor e na permanência na sua santa presença⁶⁵.

A atitude de vida interior do Discípulo amado é exemplar. Já no primeiro encontro, “ele escuta longamente o Senhor e passa com ele todo aquele dia”⁶⁶, dedica tempo para simplesmente estar com Jesus, deixa-se tocar pelas palavras e pela pessoa do Mestre, não se cansa de estar como discípulo. E aquele encontro inesquecível vivido às quatro horas da tarde (cf. Jo 1,39c) de uma sexta-feira e prolongado por todo um dia de sábado⁶⁷, foi somente o início de uma assiduidade à presença santa de Jesus e de união ao seu Coração. A vida interior, declara Dehon, é o meio pelo qual é possível viver em Jesus: “nós devemos chegar à vida interior, quer dizer a essa união permanente que faz viver Jesus nos nossos corações e os nossos corações em Jesus”⁶⁸. A experiência mais profunda de vida interior é obtida na contemplação do Coração de Jesus. “O apóstolo fervoroso arde de amor por Deus e testemunha-lhe esse amor por todos os atos da vida interior, pelos atos de amor e de reparação sobretudo, e aí será facilmente conduzido se contemplar o Coração de Jesus”⁶⁹. É o que experimenta o Discípulo amado e que o faz se tornar modelo espiritual de vida interior, ou seja, ensina-nos a viver a união do nosso coração com o Coração de Jesus, a empregar o próprio tempo em permanecer com o Senhor através da oração, da escuta da Palavra, da meditação e da contemplação, do silêncio interior e exterior. Para ele, aquele dia junto do Senhor, lá onde ele morava, foi somente o primeiro de todos os demais dias de sua vida vividos junto do Mestre, uma vida de união permanente com o Coração de Jesus.

65. DSP 351.

66. ASC 4/19.

67. Cf. Raymond Edward BROWN, *The Gospel according to John I*, 1966, p. 75. Segundo Brown, é significativa a indicação da hora décima de uma sexta-feira que Rudolf Bultmann sustenta como a hora do cumprimento da cruz quando o lado de Jesus foi transpassado (cf. Jo 19,31-37). Assim, aquele dia junto do Senhor, da tarde da sexta-feira até a noite de sábado, quando não era permitido percorrer nenhum trajeto, seria já introdução à experiência de contemplar o coração do Mestre e nele morar.

68. ASC 12/207.

69. ASC 7/125.

5. A amizade com o Senhor

Percebe-se que experiência vocacional do Discípulo amado é profundamente afetiva, parte sempre da consciência de ser amado pelo Senhor. Verdadeiramente, Jesus não apenas estabelece uma relação de proximidade com seus discípulos, mas permite mesmo que vivam com ele a intimidade de uma relação de amizade. Por ser mais sensível que os outros em reconhecer esse aspecto afetivo do relacionamento com o Mestre, o Discípulo amado logo passou do discipulado ordinário a uma profunda e verdadeira amizade com o Jesus⁷⁰, dedicando-lhe uma devota e fiel companhia. Léon Dehon considera a importância dessa amizade para a vocação e missão do discípulo: “Lembremo-nos da amizade profunda entre Jesus e São João [...] São João é sempre junto de Jesus. Somente ele pode contar em detalhes a Agonia, porque a assistiu mais que os outros, e o discurso após a Ceia, porque melhor o escutou e compreendeu”⁷¹.

Mas de onde provém essa experiência de intimidade e de amizade com o Senhor tão essencial para a vocação do Discípulo

70. A ideia de uma espiritualidade de amizade com Deus aparece pela primeira vez no século XII, nos ambientes cistercienses, embora encontremos um fundamento bíblico para essa experiência seja no Antigo Testamento (cf. Sl 138,17), seja no Novo Testamento (cf. Jo 15,14-15). Na literatura espiritual do século XII, foram chamados de amigos de Deus Abraão, Moisés, os apóstolos, os evangelistas, os santos e todas as piedosas almas no céu e na terra. A partir do século XIV, o termo “amizade com Deus” recebeu um sentido mais preciso, indicando a elevação da alma cristã, através da meditação, de um estado de servidão a um estado de amizade e filiação divina. O desenvolvimento deste conceito na mística cristã moderna reinterpretou a amizade com Deus como intensidade de vida interior até alcançar o patamar da santa liberdade dos filhos de Deus. Assim, podemos identificar três graus de amizade com Deus na vida espiritual: os principiantes, os proficientes e os perfeitos. O verdadeiro amigo de Deus é aquele que se aplica a perder a imagem das criaturas e a assumir uma nova forma de vida em Jesus Cristo até transfigurar-se na divindade. O amigo de Deus é aquele que, sem depender da própria vontade, aprendeu a partir da renúncia a todas as coisas criadas a apegar-se somente a Deus e abandonar-se totalmente a Ele. Ao amigo preferido do seu coração Deus não rejeita nenhuma oração: tal amigo é vinculado a Deus mesmo. Cf. André CHIQUOT, “Amis de Dieu”, in *Dictionnaire de Spiritualité* I (1936), p. 493-495.

71. CSJ 282.

amado? Dehon não se limita aos dados evangélicos, que situam o seu primeiro encontro com Jesus junto do Batista (cf. Jo 1,35-39) ou à beira do mar da Galileia (cf. Mt 4,21-22; Mc 1,19-20; Lc 5,9-11). Ao contrário, procura os pressupostos mais profundos dessa experiência em tradições antigas que afirmam um parentesco entre Jesus e o discípulo: “São João, filho de Salomé, era parente de Jesus. Pensa-se que foi criado em Caná, não distante de Nazaré, e que ele via Jesus de vez em quando durante a sua infância e juventude”⁷². Para Dehon, a proximidade entre Nazaré e Caná, vilarejos onde viveram sua infância Jesus e João, teria favorecido o desenvolvimento de uma intimidade que predisponha o Discípulo amado, mais que os outros, à obediência e ao seguimento, porque já admirava muito antes o estilo de vida e o caráter de Jesus. Portanto, a origem dessa amizade está radicada na história pessoal do Discípulo amado que, desde sua infância, vivia já uma relação próxima com Jesus e se sentia querido por ele: “São João quis chamar-se a si mesmo de Discípulo amado. Ele tinha um coração doce e terno e desde a sua infância, por causa do seu parentesco e da sua vizinhança, viveu relações com Nosso Senhor”⁷³. Aos poucos, foi cultivando o desejo de estar sempre com aquele parente por quem se sentia amado.

Léon Dehon intui uma progressão da relação entre Jesus e o Discípulo amado: da simples ligação de parentesco, passa-se a uma relação de discipulado e, por fim, estabelecem-se laços afetivos de uma verdadeira amizade que conduzem a uma herança espiritual. “São João teve com Jesus os vínculos mais íntimos: era seu parente, seu discípulo, seu amigo, seu herdeiro”⁷⁴. Esse desenvolvimento da relação com Jesus introduz o Discípulo amado numa verdadeira amizade em nível afetivo e espiritual. E essa amizade é correspondida, Jesus o considera um dos seus discípulos mais íntimos. De fato, os evangelhos sinóticos revelam um pequeno grupo mais próximo de Jesus ao longo da sua vida pública, amigos privilegiados e testemunhas exclusivas de alguns eventos. Nesse grupo estão sempre Pedro, Tiago e João: são as únicas testemunhas da

72. ASC 4/19.

73. MSC 48.

74. ASC 12/249.

ressurreição da filha de Jairo (cf. Mc 5,37; Lc 8,51); os três únicos que sobem com Jesus ao Tabor e contemplam a sua transfiguração (cf. Mt 17,1; Mc 9,2; Lc 9,28); são aqueles que foram convidados por Jesus a rezar e estar com ele no momento da agonia no Getsêmani (cf. Mt 26,37; Mc 14,33). O evangelho de João, ao invés, não coloca o Discípulo amado num grupo de privilegiados, mas o considera o único amigo íntimo e privilegiado do Senhor: ele é o único que se inclina sobre o peito de Jesus na ceia, porque está ao seu lado (cf. Jo 13,25); ele é aquele que entra com Jesus no pátio do sumo sacerdote quando este foi preso (cf. Jo 18,15); é o único dos discípulos que está ao lado da mãe de Jesus aos pé da cruz (cf. Jo 19,26); é o único que vê e dá testemunho do lado transpassado do Senhor (cf. Jo 19,35); é o único que acreditou na verdade da ressurreição diante do sepulcro vazio (cf. Jo 20,8); é o único que reconhece o Senhor ressuscitado às margens do mar de Tiberíades (cf. Jo 21,7); enfim, é o único reconhecido pela comunidade como aquele que Jesus amava (cf. Jo 21,20).

Eis, portanto, o motivo de uma amizade exclusiva e irrepetível: Jesus o amava e ele se reconhecia amado pelo Senhor. Essa reciprocidade de amor entre o Mestre e o discípulo, como reconhece Léon Dehon, é o fundamento da sua amizade⁷⁵. Uma amizade intercambiável, a experiência de amar e de ser amado, a oportunidade de viver uma relação de intimidade são características essenciais para compreender a vocação de São João como apóstolo do amor, apóstolo do Sagrado Coração. Somente aquele discípulo que se tornara um amigo verdadeiro poderia repousar sobre o peito do Mestre-amigo e conhecer em profundidade o mistério do amor que brota do seu Coração. O Discípulo amado nos ensina a viver a vocação como uma amizade com o Senhor. Jesus não nos chama para sermos servos, mas amigos (cf. Jo 15,15). Facilmente norteamos a nossa vivência vocacional para a dimensão apostólica, procuramos ser competentes naquilo que fazemos e orientamos todo o nosso programa diário para um ministério: assim, vivemos uma relação com o Senhor na dimensão do serviço, somos seus servos. Contudo, Jesus nos propõe no Discípulo amado, paradigma de toda vocação e modelo da vocação dehoniana, um relaciona-

75. Cf. ASC 4/20.

mento não na lógica do fazer, mas na lógica do ser. Ele nos quer como amigos. Viver como seu amigo significa dedicar-lhe tempo, criar intimidade, deixar-se corrigir, expressar sentimentos, partilhar alegrias e tristezas. Uma amizade com Jesus é a resposta mais coerente e autêntica daqueles que são chamados a ser do Coração de Jesus.

Conclusão

Na ocasião do centenário de publicação do *Directoire Spirituel*, redescobrimos São João ou o Discípulo amado como modelo espiritual e vocacional para os Padres do Sagrado Coração de Jesus. Certamente, essa é uma indicação muito bem direcionada por Léon Dehon aos religiosos da Congregação, baseando-se sobre os elementos de sua identidade e carisma. No entanto, os elementos que sustentam a exemplaridade vocacional desse personagem bíblico são válidos para todo cristão, já que a Igreja reconhece sua santidade e o proclama apóstolo do Senhor. Assim, a proposta feita por Dehon, que aqui analisamos a partir de uma leitura teológico-bíblico-espiritual, pode ser acolhida por qualquer um que se sente chamado ao discipulado numa perspectiva afetiva de proximidade e amizade com a pessoa de Jesus.

O exemplo do Discípulo amado colhido por Léon Dehon é muito atual e tem muito a nos ensinar hoje. Para começar a percorrer o caminho do seguimento do Mestre, ele precisou interrogar-se sobre as motivações da sua procura, quais eram os seus desejos e motivações. Somente o confronto consciente entre nossas reais intenções e a proposta de Deus permite purificar os nossos desejos para acolher com alegria a vontade divina. O Discípulo amado nos indica a pureza de intenção como critério para viver uma autêntica experiência de encontro com Jesus. Isso significa que a busca pelo Senhor se insere num programa de conversão do coração e das intenções mais profundas, num processo de superação dos interesses egoístas que nos fazem viver somente em função de nós mesmos. A retidão de coração é sinal da maturidade humana e espiritual necessária para buscar e encontrar no projeto de Deus a realização da própria existência.

O Discípulo amado descobriu que sua intenção mais profunda era aquela de morar com o Senhor e viver com ele uma comunhão permanente. Naquele momento floresce a sua experiência com o Coração de Jesus que é símbolo da dimensão interior da relação com Deus. Existe um caráter pessoal do encontro com Deus, ou seja, existe um encontro de duas personalidades, Deus e o ser humano, naquela realidade mais íntima simbolizada pelo coração. O ser humano progride na união com o Senhor à medida que o seu coração se vincula com o coração de Deus que no mistério da Encarnação assume um coração humano para manifestar a cada ser humano toda a potencialidade do seu próprio coração. A vida interior é, pois, uma atitude de identificação gradual e progressiva do nosso coração com o Coração de Jesus, da nossa pessoa com a pessoa de Jesus, da nossa vida com a vida de Jesus. É por isso que podemos chamá-la de vida cristã.

A experiência espiritual e vocacional do Discípulo amado é a penetração no Coração de Jesus a partir de dentro. Ele mora com Jesus, mora no seu Coração. Mais tarde ele repousará sobre o Coração de Jesus (cf. Jo 13,25) e contemplará esse Coração que doa tudo, sangue e água, no lado transpassado (cf. Jo 19,34). Descobre que Sagrado Coração de Jesus não se manifesta simplesmente como objeto de uma devoção pessoal, mas como expressão do amor universal de Deus que deve ser comunicado a todos: por isso, torna-se testemunha dessa verdade (cf. Jo 19,35; 21,24). Realmente, nos escritos joaninos a revelação do Coração de Jesus é anúncio do seu amor: mais que propor uma devoção ao Coração de Jesus, João indica o espírito dessa devoção. Encontramos, pois, uma proposta espiritual e vocacional que, fundada sobre a convicção do amor de Deus, traduz a vivência da fé num estilo de vida configurado ao Filho de Deus encarnado, Jesus Cristo, um Deus de coração.

Referências

- BLANC, Joseph. *L'Agneau de Dieu: entretiens sur quelques textes des livres de Saint Jean*. Rome: Institute Biblique Pontifical, 1913.
- BOISMARD, Marie-Émile. *Du baptême à Cana*. Paris: Editions du CERF, 1956.
- BROWN, Raymond Edward. *The community of the beloved disciple*. New York: Paulist Press, 1979.
- _____. *The Gospel according to John I*. New York: Garden City, 1966.
- CHIQUOT, André. "Amis de Dieu". In *Dictionnaire de Spiritualité I* (1936), Paris, p. 493-500.
- D'ALESSIO, Davide. *Una comunità di uomini liberi: sui passi del Vangelo di Giovanni*. Bologna: EDB, 2011.
- DEHON, Léon. *L'Année avec le Sacré-Cœur (online)*, 1919. Disponível em: <<http://www.dehondocs.it?cit=ASC-1>>. Acesso em: 29 de maio de 2019.
- _____. *Le Cœur sacerdotal de Jésus (online)*, 1907. Disponível em: <<http://www.dehondocs.it?cit=CSJ>>. Acesso em: 29 de maio de 2019.
- _____. *Directoire Spirituel (online)*, 1936. Disponível em: <<http://www.dehondocs.it?cit=DSP-1936>>. Acesso em: 29 de maio de 2019.
- _____. *Études sur le Sacré-Cœur de Jésus I (online)*, 1922. Disponível em: <<http://www.dehondocs.it?cit=ESC-1>>. Acesso em: 29 de maio de 2019.
- _____. *Études sur le Sacré-Cœur de Jésus II (online)*, 1922. Disponível em: <<http://www.dehondocs.it?cit=ESC-2>>. Acesso em: 29 de maio de 2019.
- _____. *Mois du Sacré-Cœur de Jésus (online)*, 1900. Disponível em: <<http://www.dehondocs.it?cit=MSC>>. Acesso em: 29 de maio de 2019.
- _____. *Notes Quotidiennes I-XLV (online)*, 1985. Disponível em: <<http://www.dehondocs.it?cit=NQT>>. Acesso em: 29 de maio de 2019.
- _____. *La vie intérieure: Exercices Spirituels (online)* 1919. Disponível em: <<http://www.dehondocs.it?cit=VES>>. Acesso em: 29 de maio de 2019.
- DELLA CROCE, Giovanni. "Raccoglimento". In *Dizionario Enciclopedico di Spiritualità III* (1990), Roma, p. 2117-2120.
- DUPUY, Michel. "Pureté-Purification". In *Dictionnaire de Spiritualité XII* (1986), Paris, p. 2627-2652.
- EUSEBIO DI CESAREA. *Historia Ecclesiastica*. Roma: Città Nuova, 2001.
- GIOVANNI CRISOSTOMO. *Commento al Vangelo di Giovanni I*. Roma: Città Nuova, 1969.

- HÜBNER, Hans. “μένω”. In *Dizionario Esegético del Nuovo Testamento II* (2004), Brescia, p. 331-334.
- INFANTE, Renzo. “L’Agnello nel Quarto Vangelo”. In *Rivista Biblica* 43 (1995), Bologna, p. 331-361.
- IGNACIO DE LOYOLA. *Esercizi Spirituali: ricerca sulle fonti*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2012.
- IRENEO DI LEONE. *Adversus Haereses*. Roma: Città Nuova, 2009.
- LARSON, Erik. “ζῆτέω”. In *Dizionario Esegético del Nuovo Testamento I* (2004), Brescia, p. 1511-1514.
- LOPEZ SANTIDRIAN, Saturnino. “Recueillement dans la spiritualité classique espagnole”. In *Dictionnaire de Spiritualité XIII* (1990), Paris, p. 255-267.
- MANZONI, Giuseppe. “Storia del Direttorio Spirituale”. In DEHON, Léon. *Direttorio Spirituale dei Sacerdoti de Sacro Cuore di Gesù*, Milano: Dehoniane, 1983.
- MARCHADOUR, Alain. *I personaggi del Vangelo di Giovanni: specchio per una cristologia narrativa*. Bologna: EDB, 2007.
- _____. *Venez et vous verrez: nouveau commentaire de l’Évangile de Jean*. Montrouge: Bayard, 2011.
- MATEOS, Juan; BARRETO, Juan (ed.). *Il Vangelo di Giovanni: analisi linguistica e commento esegetico*. Assisi: Cittadella, 1982.
- MOLLAT, Donatien. *Giovanni maestro spirituale*. 4 ed. Roma: Borla edizioni, 1984.
- NEDONCELLE, Maurice. “Interiorité et Vie Spirituelle”. In *Dictionnaire de Spiritualité VII* (1950), Paris, p. 1889-1903.
- RIGATO, Maria-Luisa. *Giovanni: L’enigma, il presbitero, il culto, il Tempio, la cristologia*. Bologna: EDB, 2007.
- SCHNEIDER, Gerhard. “ῥαββί”. In *Dizionario Esegético del Nuovo Testamento II* (2004), Brescia, p. 1239-1242.
- SIEBEN, Hermann Josef. “Recueillement: genèse et premiers développements”. In *Dictionnaire de Spiritualité XIII* (1990), Paris, p. 247-255.
- TOMMASO D’AQUINO. *Commento al Vangelo di San Giovanni I*. Roma: Città Nuova, 1990.
- VANHOYE, Albert. “Notre foi, œuvre divine, d’après le quatrième évangile”. In *Nouvelle Revue Théologique* 86 (1964), Bruxelles, p. 337-354.
- WITWER, Tony. *I carismi nella Chiesa e la grazia della vocazione*. Roma: Gregorian & Biblical Press, 2012.